



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



LETÍCIA FREITAS DA SILVA

PRECARIZAÇÃO A UM CLIQUE

Reportagem

MARIANA
2026

Letícia Freitas da Silva

PRECARIZAÇÃO A UM CLIQUE

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof. Evandro José Medeiros Laia

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586p Silva, Leticia Freitas Da.
Precarização a um clique. [manuscrito] / Leticia Freitas Da Silva. -
2026.
38 f.

Orientador: Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Aplicativos móveis. 2. Economia compartilhada. 3. Reportagem. 4.
Terceirização. 5. Trabalhadores. I. Laia, Evandro José Medeiros. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 331.3

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - CRB6 1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Letícia Freitas da Silva

Precarização a um clique

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 3 de agosto de 2026

Membros da banca

Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Marcelo Freire Pereira Souza (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Natália Moura Pacheco Cortez (Universidade Federal de Ouro Preto)

Evandro José Medeiros Laia, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 12/08/2026



Documento assinado eletronicamente por **Evandro Jose Medeiros Laia**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/08/2026, às 09:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1160554** e o código CRC **13072487**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Delma e Roberto, que desde cedo me ensinaram o valor do trabalho. A minha avó Izabel, que certamente acenderia uma vela por mim, para agradecer por esse momento. Às minhas irmãs, meu sobrinho, minha afilhada e às minhas amigas, todas elas. Agradeço também à professora Natália Cortez que me acompanhou durante uma parte dessa trajetória e ao professor Evandro Medeiros por assumir a missão até o final. Ao meu grande amor Daniel, que me lembra quantas vezes forem necessárias o quanto eu posso ser transformadora quando acredito em mim mesma.

“Eu não sei dizer nada por dizer. Então, eu escuto.”

- Fala, Secos & Molhados

RESUMO

Este memorial apresenta o processo de produção da reportagem multimídia “Precarização a um clique”. O produto investiga as transformações do mundo do trabalho a partir da expansão das plataformas digitais, tendo como eixo central o movimento Breque dos Apps, mobilização nacional de entregadores por aplicativo iniciada em 2020. A reportagem articula pesquisa bibliográfica, levantamento documental e entrevistas com pesquisadores, lideranças do movimento e trabalhadores, buscando compreender como o capitalismo de plataforma reorganiza as relações de trabalho, amplia processos de precarização e impulsiona novas formas de mobilização coletiva. O memorial registra as etapas de concepção, apuração, produção e desenvolvimento da reportagem, refletindo sobre as escolhas metodológicas, narrativas e editoriais que orientaram a construção do produto jornalístico.

Palavras-chaves: reportagem; uberização; trabalho por plataformas; Breque dos Apps, entregadores.

ABSTRACT

This memorial presents the production process of the multimedia report *Precarização a um clique* (*Precariousness at the Click*). The project investigates the transformations of the world of work driven by the expansion of digital platforms, focusing on the *Breque dos Apps* movement, a nationwide mobilization of app-based delivery workers that began in 2020. The report combines bibliographic research, documentary analysis, and interviews with researchers, movement leaders, and delivery workers, seeking to understand how platform capitalism reshapes labor relations, intensifies precarious working conditions, and fosters new forms of collective mobilization. The memorial documents the stages of conception, reporting, production, and development of the feature report, reflecting on the methodological, narrative, and editorial choices that guided the construction of the journalistic product.

Keywords: feature report; platform work; *Breque dos Apps*; app-based delivery workers; labor precarization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PLATAFORMIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E O BREQUE DOS APPS	12
2.1 A uberização do mundo do trabalho	13
2.2 Entregadores de todos os aplicativos, uni-vos!	14
3 OS CAMINHOS DA REPORTAGEM	17
3.1 Levantamento do tema	17
3.2 O formato reportagem	20
3.3 Mapa de produção	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE: PAUTA ESTENDIDA	33

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na apresentação inicial do memorial descritivo de uma grande reportagem sobre a união dos entregadores de aplicativo no Brasil a partir do movimento “Breque dos Apps”, articulado pela primeira vez em 2020. O interesse pelo tema e por torná-lo objeto de pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso parte da vontade de acompanhar, em alguma medida, os movimentos de transformação do mundo do trabalho. Sobretudo, no contexto dos ambientes digitais e da crescente exploração do proletariado no capitalismo de plataformas.

O interesse é também social. Em um mundo onde pessoas precisam vender sua força de trabalho para tentar sobreviver, em detrimento da saúde, do lazer e, por muitas vezes, até dos próprios sonhos, é preciso buscar fôlego nas possibilidades de mobilização e ação dentro deste sistema. E o breque apresentou-se como esse fôlego. Num cenário pandêmico, de pouca perspectiva, onde nem todos podiam ficar em casa, a categoria dos entregadores foi para as ruas numa estratégia de resistência e dignidade.

As manifestações naquele contexto me provocaram a refletir sobre uma perspectiva de união de classe, pertencimento, revolta e muita coragem. Porque, embora a categoria já estivesse diariamente nas ruas, exposta à exploração e ao vírus, a convocação do breque era algo novo para aquele ambiente. Uma atitude de rebeldia que reverberou tanto nas empresas que dominam as plataformas quanto nos próprios trabalhadores enquanto classe.

Nesse sentido, a grande reportagem enquanto produto jornalístico deste trabalho é uma busca por externalizar as reflexões de 2020 e entender os seus desdobramentos. Do ponto de vista teórico, o objeto é apoiado por uma abordagem marxista, ampliada por conceitos como capitalismo de plataformas, uberização e a noção de precariado, e aliada a conceitos comunicacionais, como a teoria crítica da comunicação, a teoria ator-rede e a análise da comunicação como ferramenta de união da categoria.

Propõe-se um mapeamento de reportagens sobre os entregadores de aplicativo em contextos pré e pós-breque, entrevistas com trabalhadores da área — a nível regional e nacional — e, também, com Paulo Lima Galo (Galo de Luta), um dos principais articuladores do movimento em 2020. As informações levantadas serão conteúdo para redação da grande reportagem e publicação em plataforma digital.

Plataformização, uberização e precarização do trabalho, noções de capitalismo e precariado serão conceitos base para observação dos entregadores de apps no âmbito da apuração. Essa ótica será instrumento chave para angulação da reportagem, que será resumida na próxima seção.

2 PLATAFORMIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E O BREQUE DOS APPS

Com o crescimento das tecnologias, bem como a adaptação do mundo do trabalho a novas ferramentas e contextos de dataficação, o capital ganha uma nova possibilidade de acumulação: o desenvolvimento de atividades econômicas em plataformas. Segundo Poell (2020), as plataformas digitais são sistemas que facilitam a interação entre diferentes grupos de usuários, desempenhando um papel ativo na organização das relações sociais e econômicas.

A popularização destes meios, por um lado, facilitou a socialização entre pessoas fisicamente distantes, a solicitação de produtos e serviços e também abriu margem para a criação de novas profissões no ambiente digital. E, embora este modo de trabalho pareça novo do ponto de vista dos meios de produção, na perspectiva da exploração as regras parecem ser as mesmas.

Quando Marx elaborou o livro *O Capital*, no século XIX, o filósofo apontava para um fenômeno de exploração e alienação do trabalhador em tal ponto que ele se tornaria alheio à própria atividade produtiva, já que o ofício laboral era nada mais do que uma forma de sobrevivência adequada às condições impostas pelo capitalismo.

Na fábrica propriamente dita, o mecanismo já não é um meio de trabalho que o trabalhador emprega; o trabalhador é um simples adjunto do mecanismo. [...] A operação das leis mecânicas [da máquina] aparece como um modo de existir do capital, que absorve cada vez mais trabalho vivo e que, graças a esse processo, se expande de maneira cada vez mais vasta. (Marx, 2017, p. 442)

Na era digital, cria-se a sensação de um trabalho de novo tipo, onde o indivíduo possui autonomia do horário de trabalho, do que é produzido e, em suma, do quanto ele “quer” trabalhar durante o dia ou a semana. No entanto, essa é apenas uma máscara que cobre os reais interesses deste sistema adaptado, onde as plataformas digitais são os novos meios de produção e os trabalhadores seguem sendo explorados, mas agora com sentimento de que são os seus próprios patrões.

É, também, nesse contexto que surgem novas leituras acerca do mundo do trabalho, como a noção de “precariado”, por Guy Standing (2014). De acordo com o economista e professor, essa nova categoria se caracteriza por uma profunda instabilidade econômica e

trabalhista – sobretudo no que se refere à garantia de direitos, remuneração e qualidade do ambiente laboral.

No Brasil, sociólogos como Jessé Souza são referência no debate, alertando para a condição em que se encontra a massa trabalhadora submetida a empregos informais. Em seu livro *A ralé brasileira: quem é e como vive*, Souza (2009) aborda o contexto de precarização do trabalho e denomina a classe superexplorada como “ralé” não num sentido pejorativo, mas em decorrência do

abandono social e político, “consentido por toda a sociedade”, de toda uma classe de indivíduos “precarizados” que se reproduz há gerações enquanto tal. Essa classe social, que é sempre esquecida enquanto uma classe com uma gênese e um destino comum, só é percebida no debate público como um conjunto de “indivíduos” carentes ou perigosos, tratados fragmentariamente por temas de discussão superficiais, dado que nunca chegam sequer a nomear o problema real, tais como “violência”, “segurança pública”, “problema da escola pública”, “carência da saúde pública”, “combate à fome” etc. (Souza, 2009, p. 21).

2.1 A uberização do mundo do trabalho

De acordo com Magalhães e Garcia da Cruz (2022), o “Capitalismo de Plataforma ou ‘Uberização’”, utiliza-se da flexibilização do trabalho como meio de efetivar uma suposta relação de parceria entre a empresa e o trabalhador”. Para compreender a origem do conceito de uberização, é possível acionar as autoras mais uma vez:

A denominação “Uberização” vem em razão da companhia de transportes individual por aplicativo, Uber. A empresa Uber Technologies Inc., fundada em 2010, que afirma ter surgido com o objetivo de ajudar seus parceiros e usuários a se locomoverem mediante o uso de uma plataforma integrada de mobilidade, atualmente, encontra-se presente em mais de dez mil cidades do planeta. (Rayol et al., 2020, apud Magalhães e Garcia da Cruz, 2022)

A multinacional Uber Technologies chegou ao Brasil em 2014, mesmo ano em que a Copa do Mundo foi sediada no país. Desde então, a possibilidade de desempenhar este trabalho “flexível”, o transporte de passageiros mediado pela empresa, ganhou notoriedade e tornou-se mais popular. Alguns anos mais cedo, em 2012, a 99 — empresa que oferece um serviço similar ao da Uber — já estava ativa no Brasil. E ainda antes, em 2011, a iFood também já operava em solos brasileiros.

Todas as empresas citadas possuem características comuns, tanto do ponto de vista do regime de trabalho que mediam quanto pela forma como atuam: por meio das

plataformas digitais. O pouco comprometimento com os trabalhadores também é uma semelhança entre essas instituições, visto a superexploração da força de trabalho e a precarização apoiada pelo capitalismo de plataforma.

Reflexo disso são os altos números de processos contra plataformas como iFood e Uber. De acordo com dados divulgados pela IstoÉ Dinheiro (2024), o número de ações judiciais de entregadores e motoristas que buscam o reconhecimento de vínculo empregatício com aplicativos aumentou em 1400% desde 2019. Grande parte, segundo levantamento da Data Layer, divulgado pela IstoÉ, apresenta decisões predominantemente favoráveis às empresas:

Quase 40 mil trabalhadores por aplicativos foram à Justiça desde 2014 em ações que disputam valores na ordem de R\$3,17 bilhões. Os dados ainda mostram que a Justiça do Trabalho vem rejeitando a maioria das ações que buscam vínculo de emprego. Cerca de 8,1 mil desses processos foram julgados improcedentes, e em 3,2 mil ações os pleitos dos motoristas e entregadores foram atendidos parcialmente. Outras 10 mil foram extintas por meio de acordo entre os trabalhadores e as plataformas. Os números se limitam ao desfecho dos processos, sem detalhar as decisões. (IstoÉ Dinheiro, 2023)

Os índices revelam que as plataformas parecem ter gerado uma brecha para novos problemas, como a pouca regulamentação desse tipo de atividade laboral, a falta de direitos trabalhistas e um conflito de interesses de classes que evidencia as contradições inerentes ao capitalismo, como reforça o pesquisador e político Renato Assad:

Há, portanto, uma relação indissociável e camuflada inerente ao modelo capitalista de produção, à sua necessidade de reprodução ampliada, com o endurecimento da exploração do trabalho com a retirada dos direitos trabalhistas, conquistados pela luta independente do proletariado, em nome de uma suposta “modernização”, que evidencia a falácia da neutralidade (no que diz respeito aos interesses de classe) das tecnologias de plataforma e que ressaltam a necessidade de maior extração de mais-valia e apropriação de trabalho alheio para conter a queda tendencial da taxa de lucro diante de uma crise estrutural do capital (Assad, 2023, p. 64).

2.2 Entregadores de todos os aplicativos, uni-vos!

Se por um lado este sistema cria novos mecanismos para utilizar a força de trabalho dos indivíduos, por outro, estes indivíduos também buscam novas formas de organização, numa tentativa de manutenção ou melhoria das suas condições de vida e de trabalho. E neste curso temporal, historicamente dialético, enquanto o capitalismo organizou novas formas de se desenvolver, os trabalhadores criaram outros modos de se manifestar.

Diante da pandemia de Covid-19 e do período de isolamento social, iniciado no ano de 2020, os serviços de delivery tornaram-se mais solicitados, principalmente no ramo alimentício. De acordo com análise realizada pela Mobills (2020), o pedido de alimentos teve aumento de cerca de 187% no Brasil, só no primeiro ano de pandemia.

Embora o trabalho dos entregadores de comida, sobretudo motoboys, não fosse uma novidade no país, a demanda por este serviço evidenciou a necessidade destes trabalhadores e, também, as precárias condições às quais eles eram submetidos naquele momento. Enquanto uma parte da população podia se manter em isolamento social, essa parcela do precariado se expunha nas ruas. E, naquele momento, além do risco de acidentes de trânsito, a contaminação por Covid também era uma ameaça, como enfatiza Silva (2022):

A chegada de um vírus acarretou em maior precarização dos empregados da área de entregas por aplicativos, destacando que esses trabalhadores, na maioria dos casos, não puderam optar por seguir a recomendação de isolamento social, pois isso culminaria na impossibilidade de subsistência (Souza, 2020 *apud* Silva, 2022, p. 4).

Nesse contexto, as condições que já eram degradantes, atravessadas pela crise sanitária, emularam a classe a se unificar e convocar uma grande greve de aplicativos, o chamado “Breque dos Apps”. O movimento aconteceu pela primeira vez em 1º de julho de 2020, data em que o Brasil registrava 1,4 milhão de casos confirmados e 60 mil mortes devido à COVID-19.

Apesar dos números alarmantes, trabalhadores independentes de empresas como iFood, Rappi, Uber Eats e Loggi se mobilizaram para reivindicar melhores condições laborais. O aumento nas taxas por entrega oferecidas pelas plataformas, renda justa, seguro contra acidentes e auxílio para manutenção dos equipamentos de trabalho estavam entre as pautas levantadas.

Nas redes, o apelo era que os usuários não pedissem delivery, de modo a gerar um verdadeiro “apagão” nos aplicativos.

O #BrequeDosApps alcançou os trending topics do Twitter e contou com o envolvimento de usuários dos aplicativos, artistas, atores da política tradicional e influenciadores digitais, que atribuíram força à disseminação e à amplificação das pautas e reivindicações dos trabalhadores da categoria" (Piaia et al., 2022, p. 57-81).

Um levantamento do (M)Dados, núcleo de jornalismo de dados do Metrôpoles, também apontou a grande repercussão digital do #BrequeDosApps, tornando-se o assunto mais comentado no Twitter por cinco horas (MÉTROPOLES, 2020). E, apesar das empresas não terem atendido às reivindicações naquele momento, a paralisação gerou pressão e um grande debate acerca das condições de trabalho do precariado.

Outro ponto interessante, nessa perspectiva, foi o uso das plataformas digitais enquanto ferramenta de crítica às próprias empresas-plataformas — uma vez que o trabalho destes motoboys é moldado por aplicativos e algoritmos dentro das redes sociotécnicas, relembrando Latour (2012) em sua análise sobre a Teoria Ator-Rede (TAR).

“A modernidade consiste na afirmação de uma separação radical entre natureza e sociedade, entre humanos e não humanos. No entanto, na prática, estamos constantemente atravessados por híbridos, associações entre atores humanos e não humanos, que estruturam nossas relações e nossa realidade.” (Latour, 2012, p. 20)

Nesse emaranhado híbrido, os aplicativos de entrega deixaram de ser atores neutros e passaram a ser parte do conflito trabalhista. Por outro lado, plataformas como o WhatsApp, Instagram e Facebook também assumiram um papel determinante — tornaram-se, para além de ferramentas de comunicação, canais de denúncia e principais ferramentas de organização da greve.

3 OS CAMINHOS DA REPORTAGEM

Inicialmente, a proposta deste trabalho consistia no desenvolvimento de uma monografia. No entanto, ao longo do processo de pesquisa e contato com o tema, além das dificuldades com o formato monográfico em si, percebi que a complexidade das experiências vividas pelos trabalhadores por aplicativos demandava uma abordagem mais narrativa e humanizada, capaz de articular dados, entrevistas, contexto histórico e relatos individuais.

A escolha pelo formato reportagem surgiu, portanto, da necessidade de explorar o tema para além da discussão teórica sobre trabalho e plataformas digitais. A proposta busca compreender como o avanço da uberização reorganiza relações trabalhistas historicamente marcadas pela precarização, ao mesmo tempo em que acompanha processos de mobilização coletiva protagonizados por entregadores no Brasil, especialmente após o movimento *Breque dos Apps*, iniciado em 2020.

3.1 Levantamento do tema

O movimento grevista evidenciou a importante unificação dos entregadores de aplicativo enquanto classe. A adesão de milhares de trabalhadores na paralisação de 1º de julho de 2020 reforça tal ponto, mas não só. Essa parcela do precariado demonstra uma união que atravessa as demandas trabalhistas, como pode-se observar neste recorte de notícias desde o breque até o ano de 2025. Questões das condições de trabalho, denúncias de maus tratos e crimes e outras emergem nos conteúdos jornalísticos contemporâneos que serão analisadas futuramente. Destaca-se, abaixo, mapeamento prévio das notícias que serão contempladas em análise nos próximos meses

Quadro 1 - Principais notícias sobre entregadores de aplicativo no Brasil

Nome do veículo	Título	Publicação
BBC News Brasil	Greve dos entregadores: o que querem os profissionais que fazem paralisação inédita	22 de junho de 2020

El País Brasil	Galo lança a revolução dos entregadores de aplicativo. Essenciais na pandemia, invisíveis na vida real	28 de junho de 2020
Ponte Jornalismo	A greve daqueles que trabalham com a fome nas costas	30 de junho de 2020
Carta Capital	Entregadores antifascistas: “A uberização vem pra suprimir direitos”	07 de julho de 2020
CNN Brasil	Motoboys convocam nova paralisação para esta terça (14)	14 de julho de 2020
g1	Motoboys se unem e fazem vaquinha para consertar moto de entregador que se acidentou: 'Sem palavras'	29 de agosto de 2020
BHAZ	Entregador é humilhado por empresário e colegas se juntam para defendê-lo	06 de novembro de 2020
Brasil de Fato	Movimento dos Entregadores Unidos organiza paralisação em João Pessoa (PB)	09 de março de 2021
Jornal da Record	Entregadores se unem contra golpe aplicado por clientes e prometem paralisação	10 de setembro de 2021
Brasil de Fato	Após 6 dias de greve contra apps, iFood cede e motoboys retomam trabalho em São José dos Campos	17 de setembro de 2021
Central Única dos Trabalhadores (CUT)	Para driblar exploração, trabalhadores por aplicativos criam os próprios APPs	17 de setembro de 2021
CNN Brasil	Motoboys e motociclistas se unem para distribuir café e comida nas ruas de Petrópolis	17 de fevereiro de 2022
UOL	Entregadores por aplicativo fazem ato em pelo menos cinco estados	01 de abril de 2022
Band Jornalismo	Entregadores vivem a relação entre pressa, risco e lucro	13 de fevereiro de 2023

Brasil de Fato	‘Merecemos respeito’: 500 motoboys protestam em frente a condomínio após agressão de colega	24 de março de 2023
Terra Brasil	Protesto de motoboys contra agressão a colega termina com casa de cliente depredada no RJ	04 de maio de 2023
Brasil de fato	‘Unificar a luta contra a exploração’: entregadores convocam breque para 1 e 2 de julho	26 de junho de 2023
Terra Brasil	Motoboys 'se unem' e depredam casa de homem acusado de agredir entregador no RJ	11 de julho de 2023
Mídia Ninja	Entregadores pressionam por melhor acordo com empresas de aplicativo	13 de setembro de 2023
g1	Desentendimentos entre motoboys e clientes: por que tantos casos de discussão e brigas em entregas?	02 de outubro de 2023
Brasil de Fato	Dossiê da Unicamp aponta como uberização prejudica saúde de motoboys	02 de maio de 2024
g1	'Faça uma entrega e ganhe um tiro': motoboys manifestam em frente a condomínio em que colega foi baleado na Grande SP	28 de junho de 2024
Folha de São Paulo	'Comia marmita fria, agora tenho espaço que é minha segunda casa'	02 de novembro de 2024
Tribuna do Vale	Motoboys se unem em protesto após colega sofrer agressão enquanto batalha para salvar filha do câncer	16 de fevereiro de 2025
Outras Mídias	Os que resistem ao trabalho uberizado	20 de março de 2025
Vermelho	Entregadores farão paralisação nacional em novo “Breque dos Apps”	21 de março de 2025
ICL Notícias	Entregadores de aplicativo anunciam greve em todo país nos dias 31 de março e 1º de abril	23 de março de 2025

Central dos Sindicatos Brasileiros (CSB)	Entregadores do iFood e outros apps anunciam paralisação nacional de dois dias	24 de março de 2025
--	--	---------------------

Fonte: Elaborado pela autora

A reportagem pretende apresentar os delineamentos entre as dinâmicas de trabalho e mobilização da classe de entregadores de apps. A angulação da reportagem prioriza o olhar histórico sobre o capitalismo, destacando como pano de fundo, os contextos de plataformização e precarização que serão futuramente desenvolvidos ao longo da narrativa.

3.2 O formato reportagem

A escolha deste formato, para o produto jornalístico, aconteceu pela possibilidade de articulação que a reportagem proporciona, sobretudo, ao considerarmos a cobertura jornalística de um tema em movimento. Isso porque, embora as grandes manifestações tenham se concentrado no ano de 2020, é notável a união da classe dos entregadores de aplicativo no cotidiano.

O mesmo “fôlego” que gerou esperança em muitos de nós, em 2020, segue como ferramenta de luta para a categoria dos motoboys: uma parcela superexplorada e, por vezes, hostilizada, mas que demonstra um nível de organização e consciência temperado pelo próprio capitalismo. Cabe à reportagem amplificar este fôlego e registrar a resistência em curso no país.

Conforme argumenta Motta (2004), o jornalismo não se limita à apresentação fragmentada de fatos, mas atua na construção de encadeamentos narrativos que permitem ao público compreender processos sociais mais amplos. Nesse sentido, a proposta busca descrever a realidade dos entregadores por aplicativo ao conectar diferentes processos históricos, econômicos e sociais que ajudam a compreender a expansão do trabalho plataformizado no Brasil, reiterando a argumentação de Motta em relação às narrativas.

Assim, as fragmentadas notícias do dia a dia conformam naturalmente integralidades difusas, acontecimentos unitários significativos. As notícias de cada dia podem prolongar a conformação do enredo e retardar o desenlace do acontecimento. Mas a busca do leitor é sempre por sentidos unitários, por conexões compreensivas. (Motta, 2004, p. 18-19)

Ademais, a produção visa apresentar como o avanço do capitalismo e das formas de exploração da mão de obra na sociedade tem se reinventado ao longo dos séculos. Se antes este sistema era marcado pela formação e expansão de centros comerciais, da conversão de terras em mercadorias, e mais tarde pelas linhas de produção no capitalismo industrial; agora ele é, também, uma forma de organização econômica que ocupa os meios digitais.

3.3 Mapa da produção

O primeiro passo, após o levantamento do tema, foi estruturar uma pauta estendida para orientar a produção da reportagem em si. Essa pauta reuniu elementos como a questão chave, enquadramento e perspectiva central de linguagem, níveis de informação, recursos multimídia, além de possíveis fontes e roteiros para cada uma delas. Nesse momento, também foram levantadas algumas referências estéticas para a publicação.

A partir da pauta, iniciei o contato com as fontes e a apuração dos dados. As primeiras conversas foram realizadas com o sociólogo Douglas Silva e o psicólogo Marlon Campos. Dentre entregadores, nomes como Paulo Galo, o Galo de Luta, e Jéssica Magalhães, do Minas no Trecho foram contatados, mas sem retorno. Apesar da relevância dessas figuras, apostei em outras referências igualmente importantes para mim, como Renato Assad e Edgar da Silva (Gringo Motoka), além de Diego Araújo, coordenador do Movimento Trabalhadores Sem Direito.

Um fator interessante, que pôde ser notado logo nas primeiras entrevistas, foi uma camada mais profunda sobre a precarização do trabalho por aplicativos. Mais do que as problemáticas deste formato em si, existe uma noção de que a uberização é tão precária porque, primeiro, o mundo do trabalho formal encontra-se numa situação de decadência. Essa foi, para mim, a principal virada de chave para a construção da reportagem. Era impossível falar sobre o trabalho por plataformas sem tratar sobre o mundo do trabalho em geral.

Com essa leitura, e a partir de diversas conversas durante as orientações, decidimos incluir uma breve contextualização histórica na reportagem. Nesse sentido, entra uma abordagem sobre a construção econômica do Brasil pós-abolição e como a transição não estruturada do país culminou em altas taxas de informalidade e subemprego ainda hoje. O professor de história Chrigor Libério foi peça chave para a entrevista deste tópico.

A partir da avaliação da banca, o trecho foi revisado, com a inclusão de acontecimentos e transformações intermediárias que ajudam a contextualizar a permanência da informalidade no país. A alteração busca reforçar que a precarização do trabalho por plataformas está inserida em uma trajetória histórica mais ampla, não limitada ao período de escravidão.

Outro aspecto que passou a orientar a reportagem foi a percepção de que as plataformas digitais não poderiam ser analisadas simplesmente como ferramentas tecnológicas, mas como agentes centrais na reorganização das relações de trabalho contemporâneas. A partir das entrevistas e leituras teóricas, tornou-se evidente que o modelo de gerenciamento algorítmico altera dinâmicas tradicionais entre patrão, trabalhador e consumidor, criando novas formas de controle mediadas por aplicativos, avaliações e métricas de desempenho. Essa percepção influenciou diretamente a construção do tópico “O patrão invisível”, bem como a elaboração de recursos gráficos que ajudassem a explicar visualmente o funcionamento das plataformas.

Durante toda a apuração, houve a preocupação de equilibrar diferentes perspectivas sobre o tema. Além de trabalhadores e pesquisadores ligados ao campo do trabalho e das plataformas digitais, foram acionadas fontes capazes de ampliar o debate para áreas como saúde mental, com o doutor em Psicologia, Marlon Campos, como já citado, além de comunicação e mobilização em rede, com a professora Marina Magalhães. Voltada ao net-ativismo, Magalhães contribuiu para compreender como as mesmas tecnologias utilizadas para organizar entregas e corridas também passaram a estruturar formas de articulação política entre trabalhadores. Esse entendimento foi fundamental para conectar o debate sobre platformização ao movimento *Breque dos Apps*.

Aliado a isso, questões sobre a regulamentação das plataformas digitais ganharam relevância durante as pesquisas. As entrevistas e o levantamento documental mostraram que as disputas em torno do trabalho por aplicativos não se limitam às condições observadas no cotidiano dos entregadores, mas também envolvem discussões sobre proteção social, reconhecimento de direitos e responsabilidades das empresas. Nesse sentido, a reportagem retrata parte das discussões em torno das propostas legislativas relacionadas à categoria e os principais desdobramentos deste processo.

Ao mesmo tempo, as conversas com entregadores e pesquisadores evidenciaram que a narrativa sobre o trabalho por aplicativos não poderia ser resumida à precarização.

Reforçando a noção de net-ativismo, a organização de paralisações, a articulação em grupos de mensagens e redes sociais e a permanência de movimentos como o *Breque dos Apps* revelaram uma dimensão coletiva sobre a categoria. Essa percepção foi fundamental para o desfecho da reportagem, que buscou destacar, além dos mecanismos de controle presentes no trabalho plataformizado, as formas de resistência e reconhecimento desenvolvidas pelos trabalhadores enquanto classe.

A construção visual e multimídia da reportagem também fez parte do processo de produção. Foram pensados infográficos, imagens históricas, fotografias das mobilizações de entregadores e elementos de acessibilidade, como textos em “Para todos verem”. A escolha desses recursos buscou complementar a narrativa textual e aproximar o leitor das diferentes temporalidades presentes na reportagem, desde a herança histórica da informalidade no Brasil até as dinâmicas atuais do trabalho mediado por plataformas digitais.

Toda a etapa de produção foi marcada por um processo contínuo de atualização da estrutura da reportagem. Ao longo das orientações, alguns caminhos inicialmente previstos foram reorganizados para fortalecer a unidade narrativa do texto. A discussão sobre regulamentação, por exemplo, passou a ocupar um espaço mais conectado às disputas contemporâneas em torno do trabalho por aplicativos, enquanto o fechamento da reportagem buscou destacar, além da precarização, os processos de organização coletiva e reconhecimento de classe construídos pelos entregadores.

Como parte do processo de revisão, foi adicionado um novo bloco ao final da reportagem, destinado a indicar caminhos para que o leitor possa aprofundar a discussão. A proposta surgiu da compreensão de que o produto não encerra o debate sobre o trabalho por plataformas, especialmente por se tratar de um fenômeno em constante transformação. Nesse espaço, serão reunidas pesquisas, reportagens e fontes oficiais relacionadas ao tema, permitindo que o leitor consulte outras perspectivas e acompanhe seus desdobramentos para além da narrativa apresentada.

Além das decisões relacionadas à estrutura e ao conteúdo, a construção da reportagem envolveu escolhas editoriais referentes ao formato e à identidade visual do produto. A escolha pelo desenvolvimento de um site próprio esteve relacionada à possibilidade de integrar diferentes recursos, proporcionando uma experiência de leitura compatível com o caráter multimídia da reportagem. Diferente de uma publicação exclusivamente textual, o ambiente digital permitiu integrar texto, fotografias, vídeos,

gráficos e recursos de acessibilidade em uma mesma narrativa, possibilitando que diferentes linguagens contribuíssem para a contextualização do tema.

Na fase de estruturas para divulgação, a reportagem foi pensada para circulação em ambiente digital. A identidade visual do projeto foi desenvolvida buscando dialogar com os temas centrais da narrativa, como trabalho, mobilização e plataformização. A organização da página também foi pensada para estabelecer uma hierarquia entre os conteúdos, alternando momentos de aprofundamento textual com recursos visuais, destaques por meio dos “olhos” e dados que auxiliam na compreensão das informações.

A escolha da paleta de cores buscou estabelecer contraste entre o minimalismo do fundo branco e a força dos elementos que remetem aos principais símbolos presentes na narrativa, como: trabalho e luta (vermelho), movimento (cinza, remetendo ao asfalto) e os entregadores (com o amarelo que lembra as faixas de coletes). As fotografias foram utilizadas tanto para apresentar os trabalhadores e os espaços em que atuam quanto para aproximar o leitor das situações narradas. Os recursos gráficos e a organização dos elementos também foram pensados para destacar dados e apresentar uma espécie de resumo de alguns pontos do texto.

As imagens históricas, fotografias das mobilizações e demais recursos visuais cumprem, portanto, uma função narrativa, e não apenas ilustrativa. A intenção foi aproximar diferentes temporalidades, da formação histórica das relações de trabalho às dinâmicas contemporâneas mediadas por plataformas, e criar uma experiência de leitura em que texto e imagem atuassem de maneira complementar. A utilização dos textos em “Para todos verem” também integrou essa preocupação, ampliando a acessibilidade do conteúdo.

A implementação técnica do site contou com a colaboração de um profissional da área de tecnologia, João Vitor Pedrosa, responsável pela escolha da plataforma que hospeda o site e pelo desenvolvimento da página, assim como a adaptação dos elementos visuais para o ambiente digital. O trabalho ocorreu de forma conjunta, com definições de layout, hierarquia de informações e recursos multimídia sendo orientadas pelas necessidades narrativas identificadas durante a apuração e a escrita da reportagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial deste trabalho partiu do interesse em compreender o Breque dos Apps enquanto uma mobilização protagonizada por entregadores por aplicativo. Ainda nas primeiras etapas da pesquisa, no entanto, tornou-se evidente que a paralisação de 2020 não poderia ser compreendida de forma isolada. Ao longo do processo, da apuração passou a buscar as estruturas que tornaram possível o surgimento daquele momento histórico. Com isso, a reportagem ampliou seu escopo e passou a discutir as transformações do mundo do trabalho, a ascensão do capitalismo de plataforma e as formas de organização coletiva construídas diante desse novo cenário.

Esse deslocamento foi, talvez, o principal aprendizado proporcionado pela produção da reportagem. O contato com pesquisadores, lideranças, entregadores e demais fontes revelou que o trabalho por plataformas não representa uma ruptura completa com formas anteriores de exploração da força de trabalho, mas uma reconfiguração mediada por tecnologias digitais e algoritmos. A compreensão desse processo exigiu ampliar o olhar para além do universo dos aplicativos e considerar elementos históricos, sociais e econômicos que ajudam a explicar por que milhões de trabalhadores encontram nesse modelo uma alternativa de sobrevivência, ainda que marcada por uma intensa disparidade nas relações de poder.

A opção pelo formato mostrou-se fundamental para dar conta dessa complexidade. Diferentemente de uma abordagem centrada exclusivamente na cobertura factual, a reportagem permitiu estabelecer conexões entre diferentes temporalidades, aproximando acontecimentos históricos, dados estatísticos, análises acadêmicas e relatos de quem vivencia diariamente o trabalho mediado por plataformas. Também possibilitou reunir diferentes perspectivas sobre um mesmo fenômeno, preservando as experiências dos entrevistados sem perder de vista a discussão estrutural que atravessa o tema.

Sob uma perspectiva pessoal, a mudança para o produto reportagem representou uma transformação na forma como vivenciei o Trabalho de Conclusão de Curso. Até então,

a possibilidade de desenvolver uma monografia despertava em mim inseguranças em relação ao processo de escrita e à própria condução da pesquisa. Ao encontrar na reportagem um formato mais próximo da maneira como compreendo o jornalismo, o trabalho passou a fazer sentido como um processo de investigação, escuta e construção narrativa que de alguma forma “amenizaram” a exigência acadêmica. O percurso facilitado com essa mudança me permitiu desenvolver a pesquisa com maior envolvimento e reconhecer que existem diferentes formas de produzir conhecimento na universidade, todas igualmente comprometidas com o rigor científico quando conduzidas de maneira responsável.

Ao longo do processo de produção, cada decisão editorial poderia influenciar diretamente a compreensão do leitor sobre o objeto investigado. A escolha pela organização temática dos capítulos, a construção de um percurso que parte das origens da precarização até chegar às formas contemporâneas de resistência, bem como a utilização de recursos multimídia, foram estratégias adotadas para tornar acessível uma discussão menos fragmentada. Assim, a reportagem buscou contextualizar que o trabalho por aplicativos faz parte de transformações mais amplas na organização do trabalho contemporâneo.

Ao mesmo tempo, a produção deste trabalho também evidenciou os limites inerentes à prática jornalística e ao próprio recorte estabelecido. O universo do trabalho por plataformas é amplo e atravessado por experiências distintas, impossíveis de serem contempladas em uma única reportagem. A escolha por concentrar a narrativa nos entregadores e no Breque dos Apps representou um recorte necessário para aprofundar a discussão, sem a pretensão de esgotar um tema que permanece em constante transformação.

Enquanto a reportagem era concluída, novas propostas de regulamentação e iniciativas voltadas aos trabalhadores por aplicativos continuavam surgindo no cenário nacional, como o programa Move Brasil – Entregadores e Motoapps, voltado ao financiamento de motocicletas e bicicletas elétricas para a categoria. Paralelamente, o debate sobre projetos de regulamentação do trabalho por plataformas segue em disputa entre trabalhadores, empresas e poder público, demonstrando que as questões abordadas nesta reportagem permanecem abertas e em permanente atualização. Esse movimento confirma o caráter dinâmico do objeto investigado e aponta para outras possibilidades de continuidade da apuração.

Nesse sentido, futuras investigações poderão acompanhar os desdobramentos das propostas legislativas, os impactos de políticas públicas voltadas aos trabalhadores por aplicativo, as novas formas de organização coletiva da categoria e os efeitos da expansão da plataformização para outras profissões. Da mesma forma, o desenvolvimento dos algoritmos e de novas tecnologias de controle tende a produzir outros desafios para o mundo do trabalho, tornando ainda mais relevante a produção jornalística dedicada a compreender essas transformações.

Por fim, a elaboração desta reportagem reafirmou o papel social do jornalismo na mediação de debates públicos e na produção de conhecimento sobre questões que atravessam a vida cotidiana. Ao ouvir as fontes, tornou-se possível compreender que discutir o trabalho por plataformas significa discutir relações de poder, luta por direitos e bem-estar social. Se a reportagem contribui para tornar visíveis os sujeitos que frequentemente permanecem reduzidos a números, ela também reforça a importância de um jornalismo voltado para uma compreensão crítica da realidade.

Ao encerrar a apuração, este trabalho representa o registro de um processo histórico ainda em curso, cujos próximos capítulos continuam sendo escritos diariamente nas redes e nas ruas.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformação do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 23, n. 57, p. 26-56, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/116484>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ASSAD, Renato Beneduci. *Capitalismo de plataforma: entre as novas formas de exploração e a gênese e luta de uma nova classe trabalhadora*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/a93b58ad-f8b7-4d4a-b1ad-97e49dd60411/2023_RenatoBeneduciAssad_TGI.pdf. Acesso em: 8 out. 2024.

BHAZ. Entregador é humilhado por empresário e motoboys se juntam para defendê-lo. 2020. Disponível em: <https://bhaz.com.br/noticias/brasil/entregador-e-humilhado-por-empresario-e-motoboys-se-juntam-para-defende-lo/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Brasília, DF: Presidência da República, 1943. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 10 ago. 2026.

BRASIL DE FATO. "Merecemos respeito": 500 motoboys protestam em frente a condomínio após agressão de colega. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/24/merecemos-respeito-500-motoboys-protestam-em-frente-a-condominio-apos-agressao-de-colega/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BRASIL DE FATO. Dossiê da Unicamp aponta como uberização prejudica saúde de motoboys. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/05/02/dossie-da-unicamp-aponta-como-uberizacao-prejudica-saude-de-motoboys/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BRASIL DE FATO. Movimento dos entregadores unidos organiza paralisação em João Pessoa (PB). 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/09/movimento-dos-entregadores-unidos-organiza-paralisacao-em-joao-pessoa-pb/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

CARTA CAPITAL. Entregadores antifascistas: a uberização vem para suprimir direitos. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/entregadores-antifascistas-a-uberizacao-vem-para-suprimir-direitos/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

CNN BRASIL. Motoboys convocam paralisação para esta terça (14). 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/motoboys-convocam-paralisacao-para-esta-terca-14/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

CNN BRASIL. Motoboys e motociclistas se unem para distribuir café e comida nas ruas de Petrópolis. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/motoboys-e-motociclistas-se-unem-para-distribuir-cafe-e-comida-nas-ruas-de-petropolis/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

COSTA, I. G. da; PAULA, B. B. de. O movimento "A Breque dos Apps": plataformas digitais no Brasil e o direito fundamental à greve dos trabalhadores por aplicativos. *Revista Estudos Institucionais*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 555-580, 2023. Disponível em: <https://www.estudosinstitucionais.com/REI/article/view/620>. Acesso em: 20 nov. 2023.

CUT. Para driblar exploração, trabalhadores por aplicativos criam os próprios apps. 2023. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/para-driblar-exploracao-trabalhadores-por-aplicativos-criam-os-proprios-apps-493d>. Acesso em: 25 mar. 2025.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). Contratos intermitentes continuam na gaveta. *Emprego em Pauta*, n. 17, dez. 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2020/boletimEmpregoEmPauta17.html>. Acesso em: 10 ago. 2026.

EL PAÍS BRASIL. Galo lança a "revolução dos entregadores de aplicativo": essenciais na pandemia, invisíveis na vida real. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-28/galo-lanca-a-revolucao-dos-entregadores-de-aplicativo-essenciais-na-pandemia-invisiveis-na-vida-real.html>. Acesso em: 25 mar. 2025.

EXAME. Desemprego entre jovens cai e chega a 2,4 milhões, mas IA e informalidade ainda preocupam. 2025. Disponível em: <https://exame.com/carreira/desemprego-entre-jovens-cai-e-chega-a-24-milhoes-mas-ia-e-informalidade-ainda-preocupam/>. Acesso em: 12 jan. 2026.

FOLHA DE S.PAULO. "Comia marmita fria, agora tenho espaço que é minha segunda casa", diz motoboy. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-social-mais/2024/11/comia-marmita-fria-agora-tenho-espaço-que-e-minha-segunda-casa-diz-motoboy.shtml>. Acesso em: 25 mar. 2025.

G1. Desentendimentos entre motoboys e clientes: por que tantos casos de discussão e brigas em entregas? YouTube, 2020. Disponível em: https://youtu.be/YHSNU-jZtEI?si=YSdnuR_F38gj-SCU. Acesso em: 25 mar. 2025.

G1. "Faça uma entrega e ganhe um tiro": motoboys manifestam em frente a condomínio em que colega foi baleado na Grande São Paulo. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2024/06/28/faca-uma-entrega-e-ganhe-um-tiro-motoboys-manifestam-em-frente-a-condominio-em-que-colega-foi-baleado-na-grande-sp.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2025.

G1. Motoboys se unem e fazem vaquinha para consertar moto de entregador que se acidentou. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/2020/08/29/motoboys-se-unem-e-fazem-vaquinha-para-consertar-moto-de-entregador-que-se-acidentou-sem-palavras.ghml>. Acesso em: 25 mar. 2025.

GOVERNO FEDERAL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Início do financiamento do Move Brasil – Entregadores e Motoapps é alterado para 27 de julho. 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/noticias/inicio-do-financiamento-do-move-brasil-2013-entregadores-e-motoapps-e-alterado-para-27-de-julho>. Acesso em: 11 jul. 2026.

IBGE. Desemprego chega a 14,7% no primeiro trimestre, maior desde 2012, e atinge 14,8 milhões de pessoas. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30793-desemprego-chega-a-14-7-no-primeiro-trimestre-maior-desde-2012-e-atinge-14-8-milhoes-de-pessoas>. Acesso em: 23 nov. 2025.

ICL NOTÍCIAS. Entregadores de aplicativo convocam greve para 31 de março e 1º de abril. 2025. Disponível em: <https://iclnoticias.com.br/entregadores-aplicativo-greve-31-marco-1-abril/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

IFOOD. Termos e condições de uso. São Paulo, 2023. Disponível em: https://assets-cms-partner.ifood.com.br/termos_e_condicoes_2023_92a1934504.pdf. Acesso em: 4 out. 2024.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Marc Ferrez. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/marc-ferrez/>. Acesso em: 24 mar. 2026.

ISTOÉ DINHEIRO. Ações trabalhistas que pedem vínculo com apps aumentaram 14 vezes desde 2019. 2023. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/acoes-trabalhistas-que-pedem-vinculo-com-apps-aumentaram-14-vezes-desde-2019-2/>. Acesso em: 8 out. 2024.

JATV. Motoboys se unem em protesto após colega sofrer agressão enquanto batalha para salvar filha do câncer. 2024. Disponível em: https://jatv.com.br/noticias/santa_catarina/_motoboys_se_unem_em_protesto_apos_colega_s_ofrer_agressao_enquanto_batalha_para_salvar_filha_do_cancer.15414230. Acesso em: 25 mar. 2025.

JORNAL DA RECORD. Entregadores se unem contra golpe aplicado por clientes e prometem paralisação. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0HjFg4Pqgxw>. Acesso em: 25 mar. 2025.

LAIA, Evandro José Medeiros. Processos e redes para além do humano: notas para uma cartografia de equívocos. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, São Leopoldo, v. 21, n. 42, p. 32-52, out. 2023. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/26463/60749767>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MAGALHÃES, Thais Miranda Oliveira. Capitalismo de plataforma: qual o futuro do direito do trabalho? *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região*, Belo Horizonte, v. 68, n. 105, p. 277-298, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://sistemas.trt3.jus.br/bd-trt3/bitstream/handle/11103/76605/revista-105-277-298%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 4 out. 2024.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

MÉDIA NINJA. Entregadores pressionam por melhor acordo com empresas de aplicativo. 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/entregadores-pressionam-por-melhor-acordo-com-empresas-de-aplicativo/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

METRÓPOLES. #BrequeDosApps: o assunto mais falado do Twitter por 5h rende 37 mil posts. Brasília, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/brequedosapps-o-assunto-mais-falado-do-twitter-por-5h-rende-37-mil-posts>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MIGALHAS. STF adia para 2026 julgamento sobre vínculo de motoristas de aplicativo. 2025. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/444822/stf-adia-para-2026-julgamento-sobre-vinculo-de-e-motoristas-de-app>. Acesso em: 25 nov. 2025.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. *E-Compós*, Brasília, ed. 1, dez. 2004. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/8/9>. Acesso em: 15 mar. 2026.

O GLOBO. Entregadores ganham menos que a média da população mesmo com jornadas de trabalho extensas. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2025/10/17/entregadores-ganham-menos-que-a-media-da-populacao-mesmo-com-jornadas-de-trabalho-extensas.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Quase dois terços da força de trabalho global estão na economia informal. 2023. Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/oit-quase-dois-tercos-da-forca-de-trabalho-global-est-ao-na-economia>. Acesso em: 18 dez. 2025.

OUTRAS PALAVRAS. Os que resistem ao trabalho uberizado. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/os-que-resistem-ao-trabalho-uberizado/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

PIAIA, Victor; MATOS, Eurico; ALMEIDA, Sabrina; DIENSTBACH, Dalby; BARBOZA, Polyana. "Breque dos Apps": uma análise temporal de comunidades e influenciadores no debate público online no Twitter. *Comunicação e Sociedade*, Braga, n. 42, 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cs/4927>. Acesso em: 6 mar. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. *Fronteiras – Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 22, n. 1, 2020. DOI: 10.4013/fem.2020.221.01. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341921979_Plataformizacao. Acesso em: 20 nov. 2023.

POELL, Thomas. The platformization of communication. *Journal of Communication*, v. 65, n. 4, p. 674-695, 2015. Acesso em: 20 nov. 2023.

PONTE JORNALISMO. A greve daqueles que trabalham com a fome nas costas. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/a-greve-daquelles-que-trabalham-com-a-fome-nas-costas/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SENADO FEDERAL. Regulamentação do trabalho por aplicativo mobiliza Congresso e STF. Rádio Senado, 24 nov. 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2025/11/24/regulamentacao-do-trabalho-por-aplicativo-mobiliza-congresso-e-stf>. Acesso em: 30 nov. 2025.

SILVA, Nicole Calabrez da. *O trabalho de motoboys informais e os riscos à saúde durante a pandemia de Covid-19*. 2023. 150 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/8655cf5c-bfce-4391-b0a1-cb260ab069c8/content>. Acesso em: 4 out. 2024.

SINDSEP QUIXADÁ E REGIÃO. Mulheres negras são 41% da força de trabalho informal no Brasil. Disponível em: <https://sindsepquixadaeregiao.org.br/mulheres-negras-sao-41-da-forca-de-trabalho-informal-no-brasil/>. Acesso em: 25 nov. 2025.

TERRA BRASIL. Motoboys "se unem" e depredam casa de homem acusado de agredir entregador no RJ. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7kYK3b6ljk>. Acesso em: 25 mar. 2025.

TERRA BRASIL. Percentual de brasileiros na informalidade segue alto e afeta mais de 39 milhões de trabalhadores. 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/percentual-de-brasileiros-na-informalidade-segue-alto-e-afeta-mais-de-39-milhoes-de-trabalhadores,10140779af3fec12a2881ee43606d2d5np2dph24.html>. Acesso em: 25 nov. 2025.

VASCONCELOS, Thaís Lopes; GOMES, Claudia Maria Costa. O capitalismo de plataforma e a precarização do trabalho: uma análise do aplicativo de transporte. *Revista de Administração e Inovação*, v. 17, n. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5522/552276515001/html/>. Acesso em: 8 out. 2024.

VERMELHO. Entregadores organizam paralisação nacional em novo Breque dos Apps. 2025. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2025/03/21/entregadores-organizam-paralisacao-nacional-em-novo-breque-dos-apps/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

APÊNDICE: PAUTA ESTENDIDA

1. Tema e questão central

Entregadores de aplicativo no Brasil: qual o perfil e quais as condições de trabalho dessa classe?

2. Enquadramento e perspectiva central de linguagem

A reportagem pretende, por meio de um texto longform, principalmente, investigativo e interpretativo, apresentar os delineamentos entre as dinâmicas de trabalho e mobilização da classe de entregadores de apps. A angulação da reportagem prioriza o olhar histórico sobre o capitalismo, destacando como pano de fundo, os contextos de plataformização e precarização que serão futuramente desenvolvidos ao longo da narrativa.

3. Histórico do tema

Diante da pandemia de Covid-19 e do período de isolamento social, iniciado no ano de 2020, os serviços de delivery tornaram-se mais solicitados, principalmente no ramo alimentício. De acordo com análise realizada pela Mobills (2020), o pedido de alimentos teve aumento de cerca de 187% no Brasil, só no primeiro ano de pandemia.

Embora o trabalho dos entregadores de comida, sobretudo motoboys, não fosse uma novidade no país, a demanda por este serviço evidenciou a necessidade destes trabalhadores e, também, as precárias condições às quais eles eram submetidos naquele momento. Enquanto uma parte da população podia se manter em isolamento social, essa parcela do precariado se expunha nas ruas. E, naquele momento, além do risco de acidentes de trânsito, a contaminação por Covid também era uma ameaça, como enfatiza Silva (2022):

A chegada de um vírus acarretou em maior precarização dos empregados da área de entregas por aplicativos, destacando que esses trabalhadores, na maioria dos

casos, não puderam optar por seguir a recomendação de isolamento social, pois isso culminaria na impossibilidade de subsistência (Souza, 2020 *apud* Silva, 2022, p. 4).

Nesse contexto, as condições que já eram degradantes, atravessadas pela crise sanitária, emularam a classe a se unificar e convocar uma grande greve de aplicativos, o chamado “Breque dos Apps”. O movimento aconteceu pela primeira vez em 1º de julho de 2020, data em que o Brasil registrava 1,4 milhão de casos confirmados e 60 mil mortes devido à COVID-19.

Apesar dos números alarmantes, trabalhadores independentes de empresas como iFood, Rappi, Uber Eats e Loggi se mobilizaram para reivindicar melhores condições laborais. O aumento nas taxas por entrega oferecidas pelas plataformas, renda justa, seguro contra acidentes e auxílio para manutenção dos equipamentos de trabalho estavam entre as pautas levantadas.

Nas redes, o apelo era que os usuários não pedissem delivery, de modo a gerar um verdadeiro “apagão” nos aplicativos.

O #BrequeDosApps alcançou os trending topics do Twitter e contou com o envolvimento de usuários dos aplicativos, artistas, atores da política tradicional e influenciadores digitais, que atribuíram força à disseminação e à amplificação das pautas e reivindicações dos trabalhadores da categoria" (PIAIA et al., 2022, p. 57-81).

Um levantamento do (M)Dados, núcleo de jornalismo de dados do Metrôpoles, também apontou a grande repercussão digital do #BrequeDosApps, tornando-se o assunto mais comentado no Twitter por cinco horas (MÉTROPOLES, 2020). E, apesar das empresas não terem atendido às reivindicações naquele momento, a paralisação gerou pressão e um grande debate acerca das condições de trabalho do precariado.

Outro ponto interessante, nessa perspectiva, foi o uso das plataformas digitais enquanto ferramenta de crítica às próprias empresas-plataformas — uma vez que o trabalho destes motoboys é moldado por aplicativos e algoritmos dentro das redes sociotécnicas, relembrando Latour (2012) em sua análise sobre a Teoria Ator-Rede (TAR).

“A modernidade consiste na afirmação de uma separação radical entre natureza e sociedade, entre humanos e não humanos. No entanto, na prática, estamos constantemente atravessados por híbridos, associações entre atores humanos e não

humanos, que estruturam nossas relações e nossa realidade.” (LATOUR, 2012, p. 20)

Nesse emaranhado híbrido, os aplicativos de entrega deixaram de ser atores neutros e passaram a ser parte do conflito trabalhista. Por outro lado, plataformas como o WhatsApp, Instagram e Facebook também assumiram um papel determinante — tornaram-se, para além de ferramentas de comunicação, canais de denúncia e principais ferramentas de organização da greve.

4. Níveis de informação

- *Histórico*: contextualização do breque dos apps e o debate sobre direitos trabalhistas na pandemia;
- *Cultural*: o perfil do trabalhador de aplicativo e a subserviência à plataforma enquanto “patrão sem rosto”;
- *Econômico*: relação entre tempo de trabalho e renda para os entregadores de aplicativo, as disputas de discurso APP vs CLT e a falsa autonomia promovida pelas plataformas;
- *Político*: discussões sobre regulamentação do trabalho em plataformas, legislações e disputa política das empresas-plataformas sob o precariado;

5. Fontes a serem utilizadas

Nome	Ocupação	Contato
Paulo Galo	Entregador/Ativista	paulorsl89@gmail.com
Jéssica Magalhães	Entregadora/Líder do “Minas no Trecho”	a_bicho_grilo
Daniela Antunes	Professora/Faculdade de Direito da UFMG	danielamuradas@direito.ufmg.br
SindimotoSP	Sindicato no estado de São Paulo	11 5094-0075
FEBRAMOTO	Federação Brasileira	febramoto.com.br
ANEA (Nicolas)	Aliança Nacional dos Entregadores por APP	32 99860-4229
Jessé Souza	Escritor e Sociólogo	jesse_souza1960

Rafael Grohmann	Pesquisador sobre plataformas	rafaelgrohmann@unisinus.br
-----------------	-------------------------------	----------------------------

6. Roteiro de perguntas a serem respondidas por cada fonte indicada

- Paulo Galo | Entregador de APP e ativista

1. Como foi o início da mobilização dos entregadores em 2020, durante o Breque dos Apps?
2. O que mudou (ou não) na vida dos entregadores depois daquele momento?
3. Muito se diz que “o patrão agora é um aplicativo”. O que isso significa na prática?
4. Você espera uma possível regulamentação do trabalho por app? O que não pode ficar de fora?

- Jéssica Magalhães | Entregador de APP e líder do movimento “Minas no Trecho”

1. O que te motivou a organizar outras entregadoras mulheres no coletivo Minas no Trecho?
2. Quais os desafios enfrentados por mulheres no trabalho de entrega?
3. Como você vê a relação dos entregadores com as plataformas hoje: há algum espaço para diálogo?
4. Você acredita que o futuro desse trabalho está em mais direitos ou mais autonomia?

- Daniela Antunes | Professora da Faculdade de Direito da UFMG

1. O Breque dos Apps evidenciou lacunas jurídicas no trabalho via plataforma. De que forma isso poderia ser solucionado ou minimamente reduzido?
2. Quais os principais pontos em disputa nos projetos de regulamentação do trabalho por app?
3. Há precedentes jurídicos que reconhecem vínculo entre entregadores e empresas?
4. A regulação pode acontecer sem descaracterizar a lógica do aplicativo?

- SindimotoSP | Sindicato Intermunicipal do Estado de São Paulo

1. Como o sindicato acompanhou a mobilização do Breque dos Apps em 2020?
 2. Qual a posição da entidade em relação à proposta de regulamentação em debate hoje?
 3. A atuação sindical precisou se adaptar à lógica das plataformas? Como?
 4. Os entregadores estão mais conscientes de seus direitos atualmente?
- *FEBRAMOTO | Federação Brasileira dos Motociclistas Profissionais*
 1. Como a ANEA atua na articulação nacional dos entregadores?
 2. Quais conquistas a aliança considera importantes desde o Breque de 2020?
 3. Existe diálogo com as plataformas? E quais as perspectivas de negociação?
 4. Qual a avaliação da ANEA sobre a proposta de regulação apresentada pelo governo?
 - *Jessé Souza | Escritor e sociólogo*
 1. O que o trabalho por aplicativo revela sobre a estrutura de classes no Brasil?
 2. Por que você considera que o trabalhador de app é parte de uma nova forma de “ralé”?
 3. Como a ideologia do “empreendedor de si” opera nesse contexto?
 4. Há espaço para mobilização coletiva real em um modelo tão individualizado de trabalho?
 - *Rafael Grohmann | Professor e pesquisador sobre plataformas digitais*
 1. O que diferencia o trabalho por app de outras formas de precarização?
 2. Como a linguagem das plataformas tenta capturar o imaginário dos próprios entregadores?
 3. A organização dos entregadores pode ser considerada uma forma de sindicalismo digital?
 4. Qual o papel da pesquisa acadêmica nesse processo de enfrentamento?

7. Recursos multimídia

Como a maioria das entrevistas deve ser realizada remotamente, o uso de recursos de áudio e vídeo ficam limitados. Nesse sentido, pretendo usar, além do texto, recursos visuais de infográficos.

8. Referências estéticas

- Uberizando a vida | Revista Piauí
- iFood recebe nota dois em ranking de trabalho justo da Universidade de Oxford
- Monopólios e poucas regras: como iFood e Uber transformaram o Brasil em um laboratório de trabalho